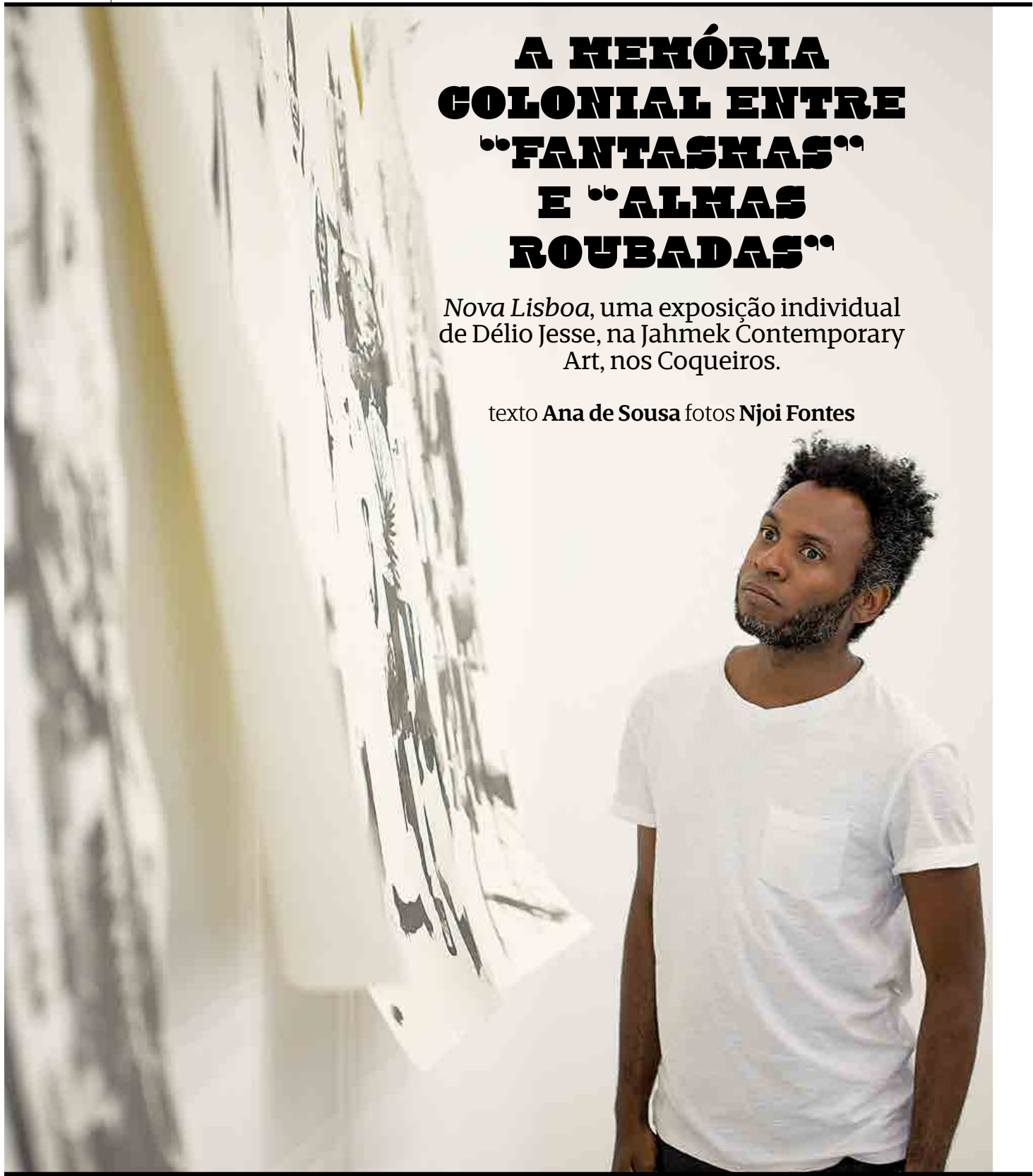


A MEMÓRIA COLONIAL ENTRE “FANTASMAS” E “ALMAS ROUBADAS”

Nova Lisboa, uma exposição individual de Délio Jesse, na Jahmek Contemporary Art, nos Coqueiros.

texto **Ana de Sousa** fotos **Njoi Fontes**





luz do ampliador volta a despertar os fantasmas de outrora enquanto a imagem submerge no papel de algodão, que se converte no corpo de acolhimento para as almas roubadas há mais de meio século”, escreve Kiluanji Kia Henda, acerca da mais recente exposição individual, em Luanda, de Délio Jasse – na Jahmek Contemporary Art.

Falámos com Délio Jasse, na galeria dos Coqueiros, em Luanda, quando ainda se fazia a montagem da exposição, entre memórias espalhadas pelo chão, e algumas, bem marcantes, já penduradas nas paredes. O que acentuava ainda mais o contraste daquelas memórias de uma Nova Lisboa hoje Huambo, entre edifícios de brancos e ruas de negros.

“Estas imagens dão a leitura de presente, de uma enorme Nova Lisboa a partir de fotografias muito pequenas, que foram ampliadas. Nas costas da fotografias encontrei carimbos, anotações e informações que fazem destas fotografias documentos. Olhamos estas fotografias de Nova Lisboa, no Huambo, num Huambo que nem parece Huambo. São fotografias que podiam ser captadas em qualquer parte do mundo. Onde vemos os angolanos negros de passagem, em cruzamento com a população branca. Eu próprio não conheço o Huambo, o que conheço é através desta e de outras viagens fotográficas.” Vamos conversando.

Esta viagem é de memórias profundamente coloniais. Vemos reprodução de composição e posse, que podíamos encontrar em qualquer lugar de Portugal, também naquela altura. Vemos uma arquitectura colonial que tem muito de modernista. Vemos a reprodução de uma cidade da metrópole – por vezes mais interessante que muitas cidades da metrópole.

“Estas fotografias têm identidade, eu tirei-lhes essa identidade para as fotografar, salvaguardando o cliché, faço fotografias das fotografias, recriando uma nova identidade, ou, se quisermos, novas memórias”, diz-nos Délio Jasse.

Mas voltando a Kiluanji. “Estas fotografias permitem visualizar um período da história que moldou, profunda e permanentemente, a nossa contemporaneidade, e que sentimos grande relutância em abordar.”

É uma memória muito colonial, muito branca, em contraste com os negros, primeiro criados, depois serventes e logo a seguir administrativos. E mesmo militares. Numa escala de ascensão social com traços coloniais. São documentos que Jasse trabalha, com diversas técnicas e em diferentes escalas. “Isto não são fotografias, são documentos, são papéis com fotos.” São textos e imagem que se diluem e se complementam, entre carimbos da PIDE (a polícia política do salazarismo) ou pequenas anotações como “Abril 62”. Sabemos quem e quando, onde e como. E sabemos como Délio Jasse quis que essa memória se preservasse, agora numa memória. “O passado não pode ser alterado, o que está feito está feito, é seguir. Existem dois tempos, é como um baralho de cartas que para serem jogadas precisam de ser baralhadas, tem necessidade de um caos qualquer para que possamos iniciar o jogo, ou um novo jogo.”

É em passeios pela Feira da Ladra, em Lisboa, por exemplo, que as memórias encontram Délio Jasse. “A minha grande biblioteca de imagens pode estar numa caixa de sapatos ou numa caixa de cereais, num qualquer baú ou numa gaveta esquecida em casa de alguém.

Procuo, depois, dar-lhe uma segunda vida, uma nova roupagem.”

Mas também as memórias se perdem, e até de forma dramática. Falámos com Délio Jasse logo a seguir ao devastador incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro, que continha um acervo de mais de 20 milhões de itens nas mais diversas categorias. E isto sem falarmos do próprio edifício, erguido durante o reinado de D. João VI, como palácio da família real refugiada, naquela altura, no Brasil. E foi ali que tanto aconteceu na história do Brasil: o lugar onde foi assinada a declaração de independência do Brasil, ou o lugar onde se estabeleceu a primeira Assembleia Constituinte da República.

Tendo esta perda muito presente, Délio Jasse quer com esta exposição muitas coisas. Também por isso, encara esta exposição como um projecto museológico. A mesmo tempo que se perde um lugar de memória no Rio de Janeiro, e numa outra escala, tenta recuperá-lo em Luanda. Justamente num país “onde é mais fácil abrir um fábrica de cerveja do que um museu”.

Délio Jasse nasceu em Luanda, em 1980. Vive e trabalha em Milão. Os seus trabalhos passam muito pela ligação entre a fotografia – nomeadamente o conceito de ‘imagem latente’ – e a memória.

Quando Délio Jasse nasceu, José Eduardo dos Santos era já o Presidente de Angola. Que memórias tem do presidente que agora deixa o poder? “A minha memória é ainda uma memória do passado. Para mim, José Eduardo dos Santos foi ontem. Neste entendimento da memória, ainda não passou.” ▽

